

# **SOBRE CIDADES MÉDIAS: O CASO DE CASCAVEL - PR**

## **ABOUT MEDIUM CITIES: THE CASE OF CASCAVEL-PR**

Edson Marcos dos Santos<sup>1</sup>

SANTOS, E. M. dos. Sobre cidades médias: o caso de CASCAVEL - PR. **Akrópolis** Umuarama, v. 20, n. 4, p. 205-214, out./dez. 2012.

**RESUMO:** A geografia é uma ciência ampla que nos permite discutir sobre assuntos variados e intrínsecos à sociedade e à natureza. Entre os campos de discussão da geografia está a geografia urbana. A geografia urbana nos permite relatar, discutir ou compreender a evolução das aglomerações humanas sejam urbanas ou rurais durante os séculos e nos explica as causas de sua existência. A cada período histórico, as aglomerações humanas se modificaram de acordo com sua região ou sua economia. Do estudo do desenvolvimento das grandes cidades até o crescimento de outras tantas, a geografia também tem realizado pesquisas sobre o desenvolvimento de cidades pequenas e médias, sendo essa segunda, o tema de análise desse trabalho. Vários trabalhos foram realizados a fim de se caracterizar essas cidades no tempo e no espaço, suas relações e transformações sejam econômicas ou sociais. Para melhor compreendermos o desenvolvimento das cidades médias, propomos nesse trabalho uma análise sobre o avanço dessas cidades no Brasil a partir da década de 1970 levando em consideração o tipo de economia desenvolvida tendo como exemplo a cidade de Cascavel/PR.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia urbana; Urbanização; Cidades médias.

**ABSTRACT:** Geography is a wide science that allows us to discuss different and intrinsic subjects to society and to nature. Among the fields of discussion on Geography is the urban Geography. Urban Geography allows us to relate, discuss and understand the evolution of human settlements both urban or rural areas throughout the centuries and it also explains the causes of its existence. Every historical period, the human settlements have changed according to their region or economy. From the study of development of big cities to the growth of so many others, geography has also conducted researches on the development of small and medium cities, and medium ones is the subject of analysis of this work. Several studies have been conducted in order to characterize these cities in time and space, their relationships and transformations are economic or social. To better understand the development of medium-sized cities, we propose in this paper an analysis on the progress of these cities in Brazil since the 1970s, taking into consideration the type of economically developed as an example the city of Cascavel / PR.

**KEYWORDS:** Urban geography; Urbanization; Medium-sized cities.

<sup>1</sup>Mestre em Geografia pela Universidade do Centro Oeste Paranaense (UNICENTRO), Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP), docente do Centro de Ciências Biológicas Médicas e da Saúde da Universidade Paranaense (UNIPAR), e-mail: edsonmarcos@unipar.br

## INTRODUÇÃO

Há milhares de anos, os seres humanos vivem em grupos. Do nomadismo ao sedentarismo, os grupos humanos sempre estiveram juntos construindo sua história e, ao longo do tempo construindo suas moradias. As moradias sempre foram uma preocupação para os seres humanos.

O período paleolítico é marcado pela não fixação do homem, pelo nomadismo enfim. Contudo, as suas primeiras manifestações de interesse em se relacionar com algum lugar são deste período, e podemos reconhecê-las por dois fatos. Primeiro, pela respeitosa atenção que o homem paleolítico dispensava a seus mortos, preocupando-se com que eles tivessem um lugar, uma “moradia”, apesar do caráter itinerante e inquieto dos vivos (SPÓSITO, 1988, p.11).

Com a invenção da agricultura, muitos grupos humanos pararam com suas migrações e se estabeleceram em algum lugar. Daí surgiram as primeiras aglomerações humanas como as aldeias que representavam, a pré-cidade. Mas, desde esse momento, fica claro que já existia uma grande diferença entre as aldeias e o que viria a ser uma cidade.

A aldeia, enquanto aglomerado humano, precede a cidade e não pode ser considerada como urbana, porque a sua existência está relacionada diretamente com o que se entende hoje como atividades primárias (agricultura e criação), atividades estas que pela sua própria natureza exigem territórios extensivos. Ora, se estamos identificando a aldeia, enquanto aglomerado, com as atividades do campo, estamos, por outro lado, contrapondo a cidade ao campo, admitindo a diferenciação urbano x rural. E também a necessidade de “acontecer” o urbano, para que esta diferenciação ecológica apareça (SPÓSITO, 1988, p.14).

Mesmo sem esse “acontecer” urbano e mesmo sem as mesmas estruturas sociais ou de trabalho existentes em uma cidade, as aldeias deram uma ideia de como os seres humanos já se organizavam.

Na sua configuração, a aldeia já possuía muitas das características que depois iriam marcar as cidades, pois não é o tamanho do

aglomerado ou o número de casas que permite distinguir a cidade da aldeia. Estruturalmente, a aldeia tem um nível de complexidade ainda elementar, uma vez que nela não há quase divisão de trabalho, a não ser entre o trabalho feminino e masculino, ou determinado pelas possibilidades e limites da idade e da força (SPÓSITO, 1988, p.13).

Mas se admitimos como Spósito (1988), a contraposição entre campo e cidade e que as aldeias tem uma complexidade elementar não caracterizando o urbano, quando começaram os primeiros aglomerados urbanos? Podemos afirmar que:

As investigações arqueológicas mostraram que os primeiros aglomerados sedentários e com forte densidade de população (Mesopotâmia, por volta de 3.500 A.C., Egito 3.000 A.C., China e Índia, 3.000-2.500 A.C.) apareceram no fim do neolítico, no momento em que as técnicas e as condições sociais e naturais do trabalho permitiram aos agricultores produzir mais do que tinham necessidade para subsistir. A partir desse momento um sistema de divisão e de distribuição se desenvolve, como expressão e desdobramento de uma capacidade técnica e de um nível de organização social. As cidades são a forma residencial adotada pelos membros da sociedade cuja presença direta nos locais de produção agrícola não era necessária (CASTELLS, 1983, p.19).

Portanto, muitos aglomerados humanos sedentários surgiram há muito tempo e o que mudou entre a aldeia e a cidade foi a forma de organização social, a divisão de trabalho e o que ela, a cidade, passou a representar a partir daquele momento. Ela passou a centralizar a população. A aldeia continuou como um aglomerado de agricultores (SPÓSITO, 1988). Mas, a cidade e o campo se mantiveram ligados. O espaço urbano se reproduziu e se ampliou e a agricultura (aldeia) fez parte desse processo sendo essa, a mantenedora de alimentos da cidade.

Porém, as cidades mudaram durante a história. No decorrer dos séculos as cidades se firmaram e tiveram importâncias diferentes. Na antiguidade, Atenas e Roma centralizaram o poder de um vasto território. Durante a Idade Média, as cidades quase desapareceram pelo fato do campo possuir as relações de poder. Morar em cidades era considerado um ato de liberda-

de frente ao Senhor Feudal. Cidades como Paris sobreviveram a esse período, além das cidades centralizarem o poder dos Reis e do clero. Ao longo do tempo as relações entre o campo e as cidades começaram a sofrer mudanças. Santos (1994), nos explica :

Durante alguns séculos, campo e cidade interagem mutuamente, mas com o processo que se inicia com as grandes navegações e consolida-se com a revolução industrial, não é mais possível ficarmos imunes às mudanças e continuarmos com os mesmos conceitos e classificações hierárquicas (SANTOS, 1994, p. 54).

Isso quer dizer que, outras formas de acúmulo de capital passaram a se fortalecer, e que, a cidade, centro das relações econômicas sejam comerciais ou financeiras, se modifica e passa a perceber que o campo não é uma das suas únicas formas de desenvolvimento.

Para compreendermos melhor as mudanças entre campo e cidade, no período das Grandes Navegações e da Revolução industrial, e o que isso significou para as cidades, tomemos como exemplo as afirmações de Milton Santos :

Quando Lisboa e Londres etc., têm relações intensas com áreas distantes, de onde vem grande parte de suas riquezas, é pouco falarmos apenas de uma cidade que tem um campo da qual depende e vice-versa, ou antes, é incorreto. As relações com áreas longínquas ao campo imediato, passa a ser uma constante e mesmo uma necessidade (SANTOS, 1994, p. 54).

Fica claro a partir desse contexto histórico que ocorreu uma cisão significativa entre cidade e campo sendo que, esse último passa a ser em períodos posteriores, subordinado à cidade, porém, leva-se em consideração ainda suas relações, pois,

A noção antiga perdurou e mesmo hoje, quando a vida rural às vezes se torna quase autônoma em relação à próxima cidadezinha, ainda encontramos incorretamente mencionado o tipo clássico de relações entre cidade e campo (SANTOS, 1994, p. 54).

O mesmo autor afirma que quanto mais modernizada a atividade agrícola, mais amplas são as suas relações, mais longínquo o seu al-

cance. Isso quer dizer que as tecnologias mudaram os rumos da história da humanidade seja ela da cidade ou do campo. Com a tecnologia, o campo e seus produtos puderam chegar a vários lugares do planeta. Alimentos produzidos em uma área agrícola no interior de pequenas cidades podem alcançar mercados mundiais. Porém, o acesso a essas áreas mecanizadas e produtivas é mais restrito, uma vez que, muitas relações tradicionais entre campo e cidade foram rompidas.

Enquanto as relações entre campo e cidade diminuíram, a cidade começou a passar por transformações. Nos últimos duzentos anos, um número significativo de cidades surgiu no mundo. A Revolução Industrial fez explodir o processo urbano e novas cidades surgiram ou cresceram, principalmente, no continente europeu. A evolução tecnológica criou equipamentos dentro das cidades transformando a vida de seus moradores. Rede elétrica, saneamento básico, sistema de transportes, etc., mudaram os rumos das cidades, e começaram a se diferenciar das antigas cidades dos períodos medievais, criando melhores condições de vida à suas populações.

Nesse contexto, o aumento expressivo da população mundial nos últimos dois séculos, causou um aumento no número de cidades e no número da população urbana. Acredita-se que a população mundial em 1.800 chegava a marca de um bilhão de habitantes. Em 12 de agosto de 2009, o jornal O Estado de São Paulo publicou a seguinte reportagem:

A população mundial está a caminho de chegar a 7 bilhões em 2011, apenas 12 anos depois de atingir 6 bilhões, informa boletim divulgado nesta quarta-feira, 12, pela organização americana Population Reference Bureau (PRB), que produz relatórios sobre a população mundial desde os anos 40. Segundo o boletim da PRB, virtualmente todo o crescimento ocorre nos países em desenvolvimento. Segundo o presidente do PRB, Bill Butz, esta será a segunda vez em que a população humana cresce em 1 bilhão em apenas 12 anos - a ocorrência anterior foi a do salto de 5 para 6 bilhões. "Ambos os eventos são sem precedentes", diz ele, em nota. A projeção de crescimento populacional nos países em desenvolvimento presume que a fertilidade nessas nações cairá ao mesmo nível da dos países ricos, por volta de duas crianças por mulher. O boletim informa ainda que a população da África já superou 1

bilhão de pessoas; que cerca de metade da humanidade vive na pobreza, definida como uma renda de menos de US\$ 2 (R\$ 3,70) ao dia. Além disso, revela que a taxa de fertilidade das adolescentes nos Estados Unidos é o dobro dos demais países ricos. Segundo as projeções do PRB, o Brasil hoje é o quinto país mais populoso do mundo, com 191 milhões de habitantes, e em 2050 será o oitavo, com 215 milhões. Até lá, a população brasileira terá sido superada pelas de Bangladesh, Nigéria e Paquistão. Hoje, são mais populosos que o Brasil - e continuarão a ser em 2050 - China, Índia, Estados Unidos e Indonésia (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2009, caderno notícias)

Também e segundo a ONU, a população está em explosão demográfica desde a revolução industrial que começou na Inglaterra, no século XVII, por volta de 1650. A sua progressão geométrica é a seguinte:

Entre 1850 e 1925, a população aumentou de 1 para 2 bilhões;  
Entre 1925 e 1962, a população aumentou de 2 para 3 bilhões;  
Entre 1962 e 1975, a população aumentou de 3 para 4 bilhões;  
Entre 1975 e 1985, a população aumentou de 4 para 5 bilhões;  
Entre 1985 e 1993, a população aumentou de 5 para 6 bilhões;  
Entre 1993 e 1999, a população aumentou de 6 para 7 bilhões;

A previsão é que em 2050, a população tenha ultrapassado 9 bilhões de habitantes. mas o que aconteceu para que a população tivesse um aumento significativo nos últimos anos? Entre 1.800 e a previsão de sete bilhões de habitantes para 2011 estão alguns momentos históricos que culminaram no crescimento demográfico mundial. Entre 1.800 e 1.925 o mundo passou por duas revoluções industriais e a I Guerra Mundial. Podemos assim, como exemplo, ressaltar a relação da urbanização já com a Primeira Revolução industrial.

A urbanização ligada à primeira revolução industrial e inserida no desenvolvimento do tipo de produção capitalista, é um processo de organização do espaço, que repousa sobre dois conjuntos de fatos fundamentais: 1-A decomposição prévia das estruturas sociais agrárias e a emigração da po-

pulação para centros urbanos já existentes, fornecendo a força de trabalho essencial à industrialização; 2-A passagem de uma economia doméstica para uma economia de manufatura, e depois para uma economia de fábrica, o que quer dizer, ao mesmo tempo concentração de mão-de-obra, criação de um mercado e constituição de um meio industrial. As cidades atraem a indústria devido a esses dois fatores essenciais (mão-de-obra e mercado) e, por sua vez, a indústria desenvolve novas possibilidades de empregos e suscita serviços. Mas o processo inverso também é importante : onde há elementos funcionais, em particular matérias-primas e meios de transporte, a indústria coloniza e provoca a urbanização (CASTELLS, 1983 p.19).

Passado o momento de crise mundial pós-Queda da Bolsa de Valores de Nova York, o mundo viveu outro momento: a II Guerra mundial. Os momentos que se seguiram foram de desenvolvimento econômico, industrial, tecnológico e social no mundo. O “Baby Boom” dos EUA e a Terceira Revolução industrial junto à revolução técnico científica ocorrida em países como Japão, EUA e Europa Ocidental fizeram a população mundial chegar aos patamares da população atual. Aliam-se a esses momentos históricos, a evolução da medicina e a participação da ONU com suas campanhas humanitárias, melhorando a vida de algumas regiões do planeta.

Nesse contexto, a população cresce e juntamente com ela, a urbanização. Entre esses elementos que fortaleceram a urbanização, está a mecanização do campo, que gerou o êxodo rural fenômeno anteriormente restrito aos países desenvolvidos, começa a ocorrer em muitos países subdesenvolvidos, “liberando” a partir de então, mão de obra para as cidades. Segundo a ONU, em 1900 as maiores aglomerações urbanas estavam nos países desenvolvidos.

Porém, em 2000, as maiores aglomerações urbanas estavam nos países subdesenvolvidos. Isso é um reflexo de alguns elementos. Entre esses elementos, podemos destacar a industrialização de alguns desses países que atraíram um grande número de pessoas de várias regiões em busca de oportunidades de emprego. Outro elemento importante foi o êxodo rural. Ele pode ocorrer por meio do desrespeito aos direitos trabalhistas rurais (que cansados e insatisfeitos se transferem para as cidades), pela

liberação de mão de obra por crises e mecanização rural (pois gera desemprego no campo), pela divisão da propriedade por herança ou falta de apoio do governo para a agricultura familiar (sendo esse último, típico dos governos dos países subdesenvolvidos). O Correio da Unesco (1999) afirma que em 2015, Tóquio contará com aproximadamente 28,9 milhões de habitantes, seguida de Bombaim na Índia com aproximadamente 26,3 milhões de habitantes. Enquanto isso, a Região Metropolitana de São Paulo será a maior das Américas seguida da Cidade do México.

É possível afirmar que o desenvolvimento tecnológico e industrial, o fortalecimento da economia e as relações sociais e de trabalho foram autores responsáveis para que a população mundial aumentasse de forma significativa e que esses elementos, sim, fortaleceram o desenvolvimento e crescimento das cidades; porém, não nos esqueçamos do Estado e seus interesses políticos e públicos que manipulam a divisão do território sendo ele, um grande agente imobiliário do território no qual essas relações ocorrem bem como o seu processo de urbanização.

O processo da urbanização do Brasil iniciou-se com a vila de São Vicente em 1532 na antiga Capitania de São Vicente (REIS FILHO, 1968). A cidade de Salvador foi fundada em 1549. Durante sua história, as formas de ocupação ou de atividade econômica promoveram o surgimento de cidades e a formação dos grandes conjuntos urbanos existentes no país. Da pequena São Vicente até a formação da megalópole Rio/São Paulo, o país passou por significativas mudanças.

A princípio, o litoral foi o primeiro local a possuir as cidades brasileiras, porém, é no século XVIII e com a mineração, que o número de cidades aumenta. Desse período merecem destaque a transferência da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro bem como o deslocamento do eixo produtivo açucareiro no Nordeste para o Sudeste aurífero que fez surgir em Minas Gerais algumas cidades.

A vinda da família real no início do século XIX e a Independência em 1822 fortaleceram o desenvolvimento de cidades. A atividade cafeeira nas áreas do Sudeste desempenhou um papel significativo na proliferação dos núcleos urbanos e segundo Anuario Estadístico do Brazil 1908-1912, o Rio de Janeiro possuía em 1872, 274.972 habitantes, seguida de Sal-

vador com 129.109 habitantes. A cidade de São Paulo amargava um décimo lugar dentre as cidades mais populosas daquele ano com 31.385 pessoas, porém, já em 1900, sua população era de 239.820 habitantes e o Rio de Janeiro com uma marca de 691.565 habitantes. Sinal que a urbanização do Sudeste, começava a andar a passos longos.

O município de São Paulo já dava sinais de crescimento significativo, uma vez que se desenvolvia por conta da atividade cafeeira que agregava agências bancárias, casas de exportação e comércio. Por fim, impulsionada pelo desenvolvimento industrial que se estabeleceu no país a partir de 1950, a urbanização do Brasil deu um salto e o município de São Paulo recebeu o maior número de unidades fabris, liderando como maior cidade do país. Assim é a partir desse período que a urbanização no Brasil cresceu de forma significativa, mostrando que o novo modelo econômico, o industrial, fortalecia o desenvolvimento de várias cidades e suas populações começaram a crescer uma vez que muitas pessoas foram atraídas por esse desenvolvimento. Começa a ocorrer no território nacional o processo de inversão dos números da população rural para a urbana.

O Censo do IBGE (2000) afirmava que cerca de 81% dos brasileiros viviam nas cidades. Isso significa que pouco resta da sociedade rural que caracterizava o país nos anos 1940, quando cerca de 70% da população brasileira morava no campo, segundo o IBGE. Porém, o resultado do Censo 2010 indicou 190.732.694 de pessoas no Brasil. Em comparação com o Censo 2000, ocorreu um aumento de 20.933.524 pessoas.

Esse número demonstra que o crescimento da população brasileira, no período, foi de 12,3%, inferior ao observado na década anterior (15,6% entre 1991 e 2000). O Censo 2010 mostra também que a população mais urbanizada aumentou. Dos 81% dos brasileiros que viviam em áreas urbanas, agora são 84%. Isso quer dizer que, do total da população brasileira, 30.517.230 habitantes moram no campo, o que evidencia a característica do país como urbano (IBGE, 2010). Da mesma forma, essa inversão entre população rural e urbana ocorreu no mundo e atualmente as previsões são preocupantes, uma vez que com uma taxa alta de população urbana, muitas cidades do mundo estarão superlotadas, gerando graves problemas sociais, econômicos e ambientais.

De 1900 até os dias atuais, as principais capitais do país ampliaram suas áreas urbanas juntamente com suas populações e algumas mudaram de nome, bem como houve uma mudança da capital Federal do Rio de Janeiro em 1960 para o planalto central na recém-construída Brasília que impulsionou a urbanização na região central do país. A estimativa da população do IBGE (2009) apontou uma mudança nos números das populações das capitais quando compararmos com os números de 1900. A estimativa também mostra a posição de cada capital referente ao número de habitantes que estão entre as 100 mais populosas do país. Pudemos verificar que muitas cidades brasileiras são maiores que muitas capitais como Guarulhos e Campinas no Estado de São Paulo.

De todas as capitais do Brasil, Palmas/TO com 188.245 habitantes, não aparece entre as 100 cidades mais populosas. E todo esse crescimento foi movido em grande parte pela atividade industrial.

As indústrias, a princípio, centralizaram-se em grandes cidades. E não foi diferente no Brasil a exemplo das cidades do Sul e Sudeste como Curitiba e São Paulo, respectivamente.

Durante um período, a indústria foi a que mais impulsionou o avanço da urbanização sobre muitas áreas do planeta. Onde havia indústria acreditava-se haver prosperidade e junto a ela, a chegada de pessoas para ocuparem as novas vagas ali criadas. Mas, a partir de um momento, as indústrias começaram a migrar para cidades menores, o que culminou no crescimento dessas então, pequenas cidades. Essas pequenas cidades com o tempo se transformaram em cidades médias.

Porém, de 1970 até os nossos dias, uma mudança ocorreu, e não mais a atividade industrial fortaleceu a formação de novas cidades. Algumas cidades fora dos eixos das grandes cidades se desenvolveram também não apenas por meio da atividade industrial, mas desenvolveram suas economias tendo como base o setor terciário. Algumas cidades surgiram ou se fortaleceram também, mediante da expansão da agropecuária que avançou sobre algumas regiões do país.

O Paraná é um exemplo. A produção agrícola mudou, a partir da década de 1970 o mapa do avanço e do crescimento urbano do Estado. Algumas cidades, outrora pequenas aglomerações urbanas, atraíram os olhares de

pessoas interessadas em investimento. Ao observar esse avanço agrícola, podemos entender a formação de algumas cidades médias do Paraná, entre elas, a cidade de Cascavel. Com aproximadamente seis décadas, a cidade desponta como Centro do Oeste Paranaense. Título que recebeu por conta do seu dinamismo econômico das últimas décadas impulsionado pela produção agrícola tecnificada.

Entender o contexto e a formação das cidades médias, sempre se faz necessário, pois nem todas as cidades se desenvolveram e se transformaram em cidades médias. Muitas continuam estagnadas e sem previsão de prosperidade; outras diminuíram suas populações por conta do enfraquecimento econômico ou porque, próximo a elas, um centro urbano se desenvolveu estagnando outras cidades.

O crescimento de muitos núcleos urbanos tem ocorrido em todo o território nacional. É uma tendência que como foi dito, está ocorrendo em todo o mundo e no Brasil não seria diferente face ao seu desenvolvimento econômico das últimas décadas.

Para melhor compreendermos o desenvolvimento das cidades médias, propomos neste estudo uma análise sobre o avanço dessas cidades no Brasil, a partir da década de 1970 levando em consideração o tipo de economia desenvolvida, tendo como exemplo a cidade de Cascavel/PR.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização desse estudo foram tomados procedimentos metodológicos que propiciaram uma melhor realização dos objetivos. As leituras bibliográficas foram utilizadas como forma de compreensão do tema proposto e como forma de produção do texto do trabalho.

Nas leituras foram consideradas as temáticas sobre a urbanização, a definição sobre cidades médias e quais são os elementos que influenciam o processo de sua formação.

Por meio de pesquisas realizadas junto ao IBGE, Prefeitura Municipal de Cascavel/PR e IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social), pode-se verificar o crescimento econômico de Cascavel/PR.

Munidos dos levantamentos necessários pode-se compreender como a cidade alcançou de forma tão rápida, a categoria de cidade média.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Sobre cidades médias*

Não são apenas as cidades das regiões mais antigas que estão se desenvolvendo. Em alguns Estados, muitas cidades saíram do conceito de cidades pequenas e passaram a ser classificadas como cidades médias e cidades médias passaram a ser consideradas cidades grandes e assim por diante. Para classificar uma cidade, utiliza-se o número da população.

O IBGE classifica cidade da seguinte forma:

Cidade pequena : 500 a 100 000 habitantes;

Cidade média: 100 001 a 500 000 habitantes;

Cidade grande: acima de 500 000 habitantes;

Metrópole: acima de 1 000 000 de habitantes;

Megacidade: acima de 10 000 000 de habitantes

Dentre essas classificações, destaca-se o crescimento que está ocorrendo no Brasil das chamadas cidades médias.

Porém, existe uma diferença entre cidade de médio porte com cidade média. A primeira (cidade de médio porte) refere-se à definição quanto a seus limites demográficos ou estabelecendo uma hierarquia ou uma tipologia (SPOSITO, 2007). A cidade média vai além de apenas quantificar sua população. Levam-se em consideração suas relações, sejam regionais, nacionais ou internacionais.

São as relações transversais que nos aponta Sposito (2007) que podem extrapolar a própria rede em que elas se inserem. Essas cidades, para controlarem exportações tanto de produtos agropecuários como de indústria regional, devem se relacionar com outras cidades mesmo de outros países (SPOSITO, 2007).

Segundo o IPEA, desde a década de 1970, as cidades médias têm desempenhado um papel importante na dinâmica econômica e espacial do país. Atualmente o seu fortalecimento é evidenciado pelo processo de desconcentração da produção e da população no território nacional.

As áreas tradicionais de desenvolvimento passaram por mudanças e o desenvolvimento de outras áreas culminou no fortalecimento das

cidades médias. Isso porque ocorreu uma desconcentração da economia.

No Brasil, o processo de desenvolvimento econômico caminhou para uma concentração até o início da década de 1970, principalmente na área metropolitana de São Paulo (AMSP). A partir daí, inicia-se um processo de reversão da polarização, ocorrendo, em sua primeira etapa, um relativo espraçamento da produção industrial em nível nacional (LEMOS; PEREIRA, 2003, p. 127).

Mesmo nas regiões Sudeste e Sul onde encontramos uma quantidade significativa de polarização da economia, passaram por mudanças. O que ocorreu não foi o enfraquecimento da economia nas áreas tradicionais, mas sim, um desenvolvimento econômico de outras regiões independente se esse desenvolvimento estivesse ligado à indústria apenas.

Uma das direções desse processo de desconcentração da atividade industrial da AMSP (área metropolitana de São Paulo) foram as cidades médias, especialmente do Sul e Sudeste, que se tornaram localidades potenciais de absorção desses empreendimentos, pois possuem em geral algum tipo de economia de aglomeração ao mesmo tempo que não incorrem em deseconomias de aglomeração, típicas das grandes metrópoles (LEMOS; PEREIRA, 2003, p. 128)

Nas últimas décadas, as cidades médias passaram a concentrar uma quantidade significativa da população urbana do país, sendo superior ao ritmo de crescimento urbano das cidades maiores.

As cidades médias brasileiras, de fato, distinguem-se pelos índices de crescimento populacional, quer dizer, tais cidades vêm apresentando, nas últimas décadas, um ritmo de crescimento demográfico superior ao observado para o conjunto dos centros urbanos brasileiros (BESSA, 2005 p. 270).

Segundo o IPEA, do ponto de vista populacional, as cidades grandes e pequenas encolheram entre 2000 e 2007, enquanto as médias cresceram. As médias concentravam 23,8% da população em 2000 e passaram a 25,05% em 2007. As grandes caíram de 29,81% para 29,71%, e as pequenas, de 46,39% para

45,24%, no mesmo período.

Nessas cidades desenvolveram-se os setores secundário e terciário da economia. Muitas dessas cidades passaram a polarizar o poder econômico e uma parte da população brasileira dentro dos Estados ou fora deles, passou a buscar nessas cidades novas oportunidades de desenvolvimento, em busca de melhoria na qualidade de vida.

Não apenas os setores secundário e terciário da economia ajudaram as cidades médias a florescerem. A expansão da agropecuária, em algumas regiões do Brasil, criou ou fortaleceu algumas cidades que se transformaram em cidades médias.

Por outro lado, a modernização agrícola constituiu-se em um processo que gerou mudanças sociais, econômicas e espaciais nas áreas incorporadas por esse novo modelo de produção agrícola. Juntamente com o desenvolvimento de relações capitalistas no campo; eliminação da produção de subsistência; tecnificação da produção; emprego de insumos e sementes melhoradas geneticamente e agroindustrialização, ocorreram também, movimentos demográficos do campo para cidade e inter-regional (sobretudo de sulistas com destino ao Centro-Oeste e Norte); impulsionou o crescimento de cidades pelo aumento populacional, intensificação dos fluxos econômicos pelas demandas produtivas do campo, pela presença de novos agentes espaciais; entre outras mudanças é preciso considerar também, as culturais produzidas pela inserção de novas práticas e valores culturais pelos migrantes que se dirigiram para as áreas produtoras de grãos; e a ampliação do processo de urbanização e produção de uma “nova” relação campo-cidade (SOARES; MELO, 2005, p.15.074).

Podemos ainda destacar o momento em que a agropecuária influenciou no surgimento das cidades médias de algumas regiões:

A ocupação do Paraná deu-se com a transferência da lavoura cafeeira do Estado de São Paulo para aquele estado, cuja expansão foi caracterizada pela proliferação de pequenas e médias propriedades. Com a introdução de cultivos menos intensivos em mão-de-obra, a partir de 1960, este ritmo diminuiu, embora tenha sido significativo até meados dessa década. Ainda durante a década de 1950, e perdurando até a década seguinte, registra-

-se o segundo impulso no esforço de ocupação de novas áreas agrícolas, desta vez em direção a uma faixa da região Centro-Oeste e ao Maranhão. Os principais fluxos foram oriundos das regiões menos prósperas do Nordeste e do Estado de Minas Gerais. No terceiro momento das migrações para as fronteiras agrícolas, em direção à Amazônia, o governo tomou para si a responsabilidade de organizar o processo, enquanto construía a rodovia Transamazônica, que seria o elo de integração na região. A partir de 1974, o influxo de migrantes para Rondônia e Mato Grosso foi significativo. Por conta disso, registrou-se um aumento populacional na região da ordem de 400% em oito anos (THOMPSON; SERRA, 2001, p. 28).

Para exemplificar as afirmações acima e a relação do desenvolvimento das cidades médias com o processo da expansão da agropecuária, nesse caso específico a agricultura, tomamos como base alguns dados sobre o crescimento da cidade de Cascavel/PR.

### ***Crescimento Econômico de Cascavel***

Localizada na região oeste do Estado do Paraná, a cidade de Cascavel comemorou em 2009, 57 anos; uma história que começou com a ocupação da região em 1557, com os espanhóis, ao fundarem a Ciudad Del Guayrá.

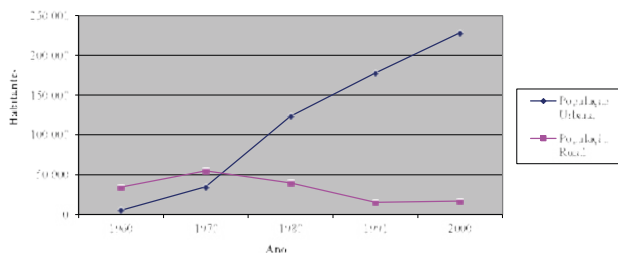
A região cai no esquecimento por não possuir nenhum interesse econômico naquele momento, e, em 1730, uma nova ocupação tem início, com a ação do tropeirismo.

Em março de 1928, José Silvério de Oliveira, comerciante conhecido como “Tio Jeca”, arrendou as terras do colono Antônio José Elias, nas quais se encontrava o povoamento de Encruzilhada, localizada no entroncamento de várias trilhas abertas pelos ervateiros, militares e tropeiros.

Segundo Adolfo (1994), entre as décadas de 1930 e 1940, muitos colonos oriundos de Guarapuava e de outras regiões sulistas, na maioria descendentes de poloneses, ucranianos, alemães e italianos, assim como caboclos oriundos das regiões cafeeiras, começaram a exploração da madeira, agricultura e a criação de suínos. A atual cidade de Cascavel tornou-se distrito em 1938, emancipando-se de Foz do Iguaçu em 14 de dezembro de 1952. Porém, no início da década de 1970 a população urbana do



município superou a população rural conforme mostra a figura 1.



**Figura 1:** evolução da população no município de Cascavel-1960-2000.

Fonte: IBGE/2004.

A partir da década de 1970, a agricultura desenvolveu um papel significativo no desenvolvimento regional e fez com que a partir daí, a população urbana começasse a aumentar de forma significativa. É nesse período que começa um processo de mecanização na agricultura não apenas de Cascavel, mas de outras cidades em seu entorno. A cidade passa a se destacar desde então em produtos, principalmente, para a exportação como a soja, sendo necessário, uma modernização do seu espaço agrário, impulsionando a economia e atraindo mais investimentos e junto a ele, uma população interessada em aproveitar o momento dessa expansão econômica.

A população de Cascavel apresenta uma evolução mais acentuada entre as décadas de 1960 e 1980, sendo o crescimento verificado no período de 1960 a 1970 de 127,08% e 81,78% no período de 1970 e 1980, conforme mostra a tabela 1.

**Tabela 1:** Evolução da população de Cascavel/PR nas áreas urbana e rural no período de 1960 a 2003

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO – MUNICÍPIO DE CASCAVEL			
ANO	URBANO	RURAL	TOTAL
1960	5.274	34.324	39.598
1970	34.961	54.960	89.921
1980	123.698	39.761	163.459
1990	177.766	15.224	192.990
2000	228.673	16.696	245.369
*2003			261.505

Fonte: IBGE/2004. \*Estimativa IBGE.

Verifica-se que a cidade de Cascavel passou por um rápido crescimento populacional e que na década de 1980, já chegava a categoria de cidade média. A população encontra-se em aproximadamente 286 mil habitantes sendo 93,17% de população urbana e 6,3% de população rural (IBGE 2010). Segundo a prefeitura Municipal de Cascavel, atualmente a cidade recebe o título de Capital do Oeste Paranaense, sendo um dos maiores centros econômicos do Paraná. No que diz respeito à economia, Cascavel é responsável por 26% do total da produção de grãos do estado.

Tem como principais produtos cultivados a soja, o trigo, o milho, o arroz, o algodão e o feijão, sendo que os três primeiros são os maiores expoentes. Destaca-se ainda na avicultura, bovinocultura, suinocultura e ovinocultura. Aqui fica fortalecido o avanço da agropecuária em muitos lugares do Brasil e o desenvolvimento de algumas cidades médias. Merece ser dito que a indústria cascavelense acha-se em fase de expansão, principalmente nas atividades ligadas ao beneficiamento da produção agropecuária.

O município é considerado também o pólo universitário do oeste, devido ao número de instituições de ensino superior e polariza o atendimento regional da saúde, serviços bancários e também o comércio. Segundo a pesquisadora Diana Motta do IPEA, uma cidade que apresenta um elevado crescimento econômico, torna-se um atrativo para migrantes em busca de melhores condições de trabalho.

Maior migração significa maior crescimento populacional, supondo que não há diferença substancial entre as taxas de natalidade e mortalidade entre as cidades do sistema urbano. Isso quer dizer que as cidades médias são verdadeiros atrativos para as pessoas que buscam novas oportunidades e ao se deslocarem para essas cidades cumprem o papel de aumentar sua população. Se o processo continuar nesses patamares, cidades como Cascavel/PR, bem como outras cidades médias do Brasil, caminhem para se transformarem em grandes cidades e por que não afirmar que poderão um dia, entrarem segundo o IBGE, na classificação de metrópoles junto com outras metrópoles.

Resta saber, quais serão os problemas urbanos dessas cidades, uma vez que sem planejamento, essas podem passar pelos mesmos problemas tradicionais encontrados na maior parte das cidades grandes (e por que não afir-

mar que já acontecem nas médias), como a falta de espaço urbano e moradia, poluição, lixo, desemprego, violência, entre outros.

## REFERÊNCIAS

- ADOLFO, C. M. M. **O processo de verticalização da cidade de Cascavel período 1980-1990**. 1994. ....f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Geografia do Brasil) - Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon, Marechal Candido Rondon, 1994.
- ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA, 2001.
- BESSA, K. C. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, n. 24, p. 268-288. Uberlândia, 2005. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 22 abr. 2010.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário estatístico do Brasil**. Directoria Geral de Estatística, v. 1-3 1908-1912. Rio de Janeiro, 1927.
- \_\_\_\_\_. **Estimativa populacional**. Brasília, 2009.
- IPEA. População das cidades médias cresce mais que no resto do Brasil. **Boletim Ipea**, n. 112. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_acymailing&ctrl=archive&task=view&mailid=277&key=0cb55bbf90cf649efb18d15a9c9cf52f&Itemid=117](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_acymailing&ctrl=archive&task=view&mailid=277&key=0cb55bbf90cf649efb18d15a9c9cf52f&Itemid=117)>. Acesso em: 28 jun. 2008.
- LEMOS, M. B.; PEREIRA, F. Cidades médias brasileiras: características e dinâmicas urbano industriais. **Pesquisa e planejamento econômico**, v. 33, n.1, 2003.
- ONU - Organização das Nações Unidas. Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais do Secretariado das Nações Unidas. **Perspectivas da população mundial: revisão 2006 e**

perspectivas de urbanização mundial: revisão 2007. Disponível em: <<http://esa.un.org/unup>>. Acesso em: 27 abr. 2010.

REIS FILHO, N. G. R. **Evolução urbana do Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1968.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. Pequenas cidades : reflexões em torno das suas funções sócio econômicas em áreas de modernização agrícola. In: **ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**. 10., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005.

SPÓSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria E. B.(Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.

### SOBRE CIDADES MÉDIAS: O CASO DE CASCAVEL- PR

**RESUMEN:** La geografía es una ciencia amplia que nos permite discutir diversos temas y intrínsecos a la sociedad y a la naturaleza. Entre los ámbitos de discusión de la geografía está la geografía urbana. La geografía urbana nos permite relatar, discutir o comprender la evolución de las aglomeraciones humanas, sean urbanas o rurales durante los siglos, y nos explica las razones de su existencia. A cada período histórico, las aglomeraciones humanas se han cambiado de acuerdo a su región o su economía. Del estudio del desarrollo de las grandes ciudades hasta el crecimiento de otras tantas, la geografía también ha realizado investigaciones sobre el desarrollo de ciudades pequeñas y medianas, siendo esa segunda, el objeto de análisis de este estudio. Varios estudios se han realizado con el fin de caracterizar esas ciudades en el tiempo y en el espacio, sus relaciones y transformaciones, sean económicas o sociales. Para comprender mejor el desarrollo de las ciudades de tamaño mediano, se propone en este estudio un análisis sobre la evolución de esas ciudades en Brasil, desde la década de 1970, teniendo en cuenta el tipo de economía desarrollada, tomando como ejemplo la ciudad de Cascavel / PR..

**PALABRAS CLAVE:** Geografía urbana; Urbanización; Ciudades medianas.